

## GRAFFITI: PROCESSO DE CRIAÇÃO X URBANIDADE. A APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS ATRAVÉS DA ARTE.

GABRIELE VARGAS<sup>1</sup>; EDUARDO ROCHA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Prograu - Ufpel – gabivargas.arquitetura@gmail.com

<sup>3</sup>Prograu - Ufpel – amigodudu@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Vivemos em cidades áridas e tomadas por blocos de concreto devido à crescente expansão urbanística demandada pelo mercado imobiliário. A introdução do *graffiti* com seu viés criativo e comunicativo, através da expressão e da sensibilidade de cada envolvido, traz para este contexto um novo panorama. Muros, tapumes, edificações e equipamentos urbanos viram pano de fundo a variadas manifestações. Comunicando e transmitindo mensagens por meio e para a sociedade, esta arte de rua, considerada livre mas ainda subjugada, vem sendo reconhecida e valorizada através de suas temáticas que vão desde os problemas sociais, política, religião até simples mensagens positivas. Por meio do *graffiti*, são expressas realidades que ficam fora da mídia tradicional, como na antiguidade, pictogramas e inscrições foram encontradas em edificações e manifestam hábitos e pensamentos de diferentes épocas. Sendo o *graffiti* um dos modos mais genuínos de expressão urbana, por meio do qual a cidade descreve e escreve, coletivamente, sua própria história (SILVA, 2014).

Na contemporaneidade o *graffiti* vem se expandindo como arte nas cidades mundo afora, modificando a estética e interagindo com o imaginário coletivo. Ao transitar pelo imaginário dos cidadãos que habitam e vivem o cotidiano urbano, é possível vislumbrar a subjetividade social e a repercussão destes ambientes na experiência individual como forma de reconhecer a cidade (RINK, 2013). A complexidade dos processos de criação e as abstrações na compreensão particular, carregada de significados próprios relacionados às bagagens pessoais geram a possibilidade de se olhar para os fenômenos em uma perspectiva dinâmica, através da qual as narrativas, no contexto urbano, interagem com o imaginário coletivo e corporificam-se referencialmente para as sociedades (SALLES, 2006).

Assim como no rizoma de Deleuze e Guattari (2011), as linhas de força, as conexões, em uma estrutura livre de formas preestabelecidas que compõe os processos em suas multiplicidades dimensionais são objetos deste estudo. Mobilidade direcional, aberta a um pensamento não linear, pulsante e abrangente, aberto às construções e desconstruções contidas no caminho, na perspectiva de percursos comunicativos e não no fim em si. Nas linhas sinuosas que se ligam, de modo não cartesiano, a possibilidade de criar novos sentidos, em micro conexões que se diluem e, ao mesmo tempo, disseminam com intensidade e potência outras subjetividades. “A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo” (DELEUZE; GUATTARI, 2011; v.1).

Nas dinâmicas urbanas e sociais onde se desenvolve a arte de rua e o *graffiti*, estão os caminhos rizomáticos e subjetivos das relações entre os sujeitos, as narrativas, as afectações – caminhos sem um fim determinado ou passível de uma única compreensão, mas de um percurso enigmático sempre aberto às

possibilidades para sociedades em busca de referências e alguma forma de pertencimento.

**Figura 1 – Empena de edifício | NYC**



Fonte: Instagram @kobrastreetart<sup>1</sup>

**Figura 2 – Vila Madalena | SP**



Fonte: Instagram @titoferrara<sup>2</sup>

Neste contexto, a pesquisa a ser desenvolvida, se propõe a estudar o processo de criação do *graffiti*, na arte de rua, através das obras do artista Gordo Muswieck, como esta arte interfere nas dinâmicas urbanas contemporâneas, suas possíveis apropriações na relação com o meio ambiente construído e o imaginário coletivo.

**Figura 3 – Centro Pelotas | RS**



Fonte: Instagram do artista<sup>3</sup>

**Figura 4 – Muro | Centro Pelotas | RS**



Fonte: Instagram do artista<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/kobrastreetart/?hl=pt-br>> Acesso em: 28 set. 2020.

<sup>2</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/titoferrara/?hl=pt-br>> Acesso em: 28 set. 2020.

<sup>3</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/gordomuswieck/?hl=pt-br>> Acesso em: 28 set. 2020.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/gordomuswieck/?hl=pt-br>> Acesso em: 28 set. 2020.

**Figura 5 – Pelotas | RS**



Fonte: Instagram do artista<sup>5</sup>

**Figura 6 – Fachada | Pelotas | RS**



Fonte: Instagram do artista<sup>6</sup>

## 2. METODOLOGIA

Utilizando o método da cartografia e caminhografia, análise de referenciais, entrevistas e ações participativas junto ao artista, a pesquisa pretende traçar percursos e mapas a fim de delinear as afectações e significantes para chegar ao objetivo proposto. Os parâmetros adotados para o mapeamento cartográfico estarão baseados em (KASTRUP; TEDESCO, 2015): “A cartografia como prática de construção de um plano coletivo de forças. [...] Ao lado dos contornos estáveis do que denominamos formas, objetos, ou sujeitos, coexiste o plano das forças que os produzem.” Além da cartografia por Deleuze e Guattari (AGUIAR, 2010) como um método de pesquisa processual, de dispositivos multilinerares, moventes e heterogêneos num rizoma baseado na multiplicidade de pensamentos – pensando geograficamente no método de pesquisa, como uma paisagem que se modifica de forma não estática. Nesta busca pela potência da processualidade, poderão somar-se recursos de fotografia, vídeos e entrevistas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao traçar um paralelo entre o rizoma de Deleuze e Guattari (2011), no contexto de um processo múltiplo, não cartesiano, livre aos movimentos e a liberdade de significações e o pensamento de Barros (2018) sobre o “devir-árvore” é possível intercepcionar as leituras diante do devir libertário, assim como as árvores não estão presas a amarras em seu crescimento, precisamos deixar as amarras contemporâneas e sermos mais rizomáticos, no sentido mais amplo de não estagnação das raízes presas ao solo e sim das inúmeras possibilidades advindas das incertezas e pluralidades do livre proliferar - num “devir-árvore”. Compreender este devir como a força e a liberdade para permitir-se, produzindo o que ainda não sabemos, sem imitações, na imanência humana mas em busca das subjetividades do incerto – talvez em um “devir-rizomático”, onde as repostas podem ser diversas na relevância do percurso de crescimento ou mesmo no processo de produção e significação artística em questão.

Deste modo, identificando pistas cartográficas sobre as ações do *graffiti* e suas narrativas, por meio das obras do artista, o estudo se propõe a procura por relações com o imagético da cidade e aproximações de pertencimento coletivo com estes espaços, através das dinâmicas urbanas contemporâneas. Numa

<sup>5</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/gordomuswieck/?hl=pt-br>> Acesso em: 28 set. 2020.

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/gordomuswieck/?hl=pt-br>> Acesso em: 28 set. 2020.

busca pelos movimentos e rizomas, em um horizonte de processo em andamento, cartográfico, e não um fim a ser determinado.

#### 4. CONCLUSÕES

O processo criativo da arte urbana contemporânea, as forças e essências motivadoras que levam ao resultado visível, tornam-se parte do procedimento investigativo em busca da compreensão acerca das interações entre sujeitos, mensagens, percepções e criação de subjetividade. No devir como ponto de partida sem um destino, necessariamente, concreto a chegar está a potência da liberdade de um caminho espansivo, aberto à novas relações corporais, novas subjetivações, onde os encontros marcam acontecimentos e transições. O estado de repouso ou movimento onde devimos e estamos em vias de devir, observar ou caminhar – por caminhos que podem ser sinuosos, incertos ou carregados de muitas e diferentes certezas em suas sinuosidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011; v.4). A expressão plástica, que pode gerar inúmeras leituras e significações, como elemento vitalizador de pertencimento coletivo é o fio condutor às possíveis intersecções entre conceitos, práticas, suportes e corpos onde se desenvolve a arte urbana – conferindo relevância à compreensão do tema proposto.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** vol.1 – 2<sup>a</sup>ed. – Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** vol.4 – 2<sup>a</sup>ed. – Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** – Porto Alegre: Sulina, 2015.

RINK, Anita. **Graffiti: Intervenção e Arte Urbana.** 1<sup>a</sup>ed. – Curitiba: Appris, 2013.

SALLES, Cecília A. **Redes da Criação: Construção da obra de arte.** 2<sup>a</sup>ed. - São Paulo: Horizonte, 2008.

SILVA, Armando. **Atmosferas Urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

AGUIAR, Lisiane M. **As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual.** Intercom - XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul - RS, 2010.

BARROS, Manuel de. **Devir-Árvore.** Ética dos Devires – site: Razão Inadequada - Disponível em <<https://razaoinadequada.com/2018/07/11/devir-arvore/>> Acesso em 29 de set. 2020.